

EDUCAR COM SCROLL: ECONOMIA DA ATENÇÃO E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Bruno Monteiro Gonçalves; brunomontt@gmail.com; Must University
Thais Guedes Maximo Monteiro; thaisgmaximo@gmail.com; UERJ

Modalidade: Artigo

Área Temática: Educação Inclusiva, Equidade e Acessibilidade Digital

Resumo

A centralidade das plataformas digitais na vida juvenil tem reconfigurado padrões de atenção e aprendizagem, sobretudo na escola pública, onde a disputa cognitiva ocorre em ambiente marcado por scroll infinito, recomendação algorítmica e estímulos contínuos. Em contextos de vulnerabilidade social, essas dinâmicas interagem com desigualdades de capital cultural, ampliando diferenças na apropriação do conhecimento. O objetivo deste artigo é analisar criticamente como a economia da atenção, operacionalizada pelas arquiteturas algorítmicas das plataformas, impacta processos de aprendizagem de adolescentes em realidades de desigualdade estrutural, propondo a media literacy como estratégia pedagógica de equidade. Realizou-se pesquisa bibliográfica qualitativa, de natureza analítico-interpretativa, com levantamento orientado por descritores, critérios explícitos de inclusão e exclusão e análise temática de caráter categorial, conduzida por leitura comparativa, codificação conceitual e sistematização em matriz temática. A síntese teórica indica que a captura da atenção constitui componente estrutural do modelo econômico das plataformas e pode favorecer fragmentação atencional e superficialidade cognitiva; sugere-se, ainda, que a vulnerabilidade digital se expressa como desigualdade qualitativa de uso, associada a diferenças de repertório crítico e curadoria informacional, o que tende a intensificar assimetrias educacionais. Conclui-se que a equidade educacional na era das plataformas exige ir além do acesso tecnológico, priorizando formação crítica para interpretar dinâmicas algorítmicas e fortalecer autonomia cognitiva, sendo a media literacy apresentada como capital cultural estratégico, com potencial compensatório na redução de assimetrias informacionais que afetam adolescentes em contextos de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Economia da Atenção; Scroll Infinito; Vulnerabilidade Social; Desigualdade Digital; Media Literacy.

1 Introdução

A consolidação das plataformas digitais como mediadoras centrais da experiência social contemporânea produziu transformações significativas nos modos de atenção, sociabilidade e aprendizagem. Em um cenário marcado pela hiperconectividade, pela circulação ininterrupta de conteúdos e pela centralidade dos dispositivos móveis na vida cotidiana, a atenção tornou-se um recurso escasso e economicamente explorado. O ambiente educacional, particularmente no contexto da escola pública, passou a disputar a atenção dos estudantes com sistemas algorítmicos projetados para maximizar retenção e engajamento contínuo. Tal dinâmica insere a aprendizagem juvenil em uma lógica estrutural que ultrapassa o uso instrumental das tecnologias e alcança o plano da economia política da atenção.

No âmbito das políticas educacionais contemporâneas, esse cenário impõe desafios diretamente relacionados à inclusão digital, à acessibilidade informacional e à promoção de equidade no acesso e na apropriação do conhecimento. Embora a expansão do acesso à internet tenha sido frequentemente apresentada como indicador de democratização tecnológica, persistem desigualdades qualitativas associadas às condições de uso, ao repertório cultural disponível e à capacidade crítica de navegação em ambientes algorítmicos. A discussão sobre economia da

atenção, nesse contexto, insere-se nas agendas de educação inclusiva e justiça informacional que orientam o debate sobre equidade digital na escola pública.

A noção de economia da atenção descreve o deslocamento do valor econômico da informação para a capacidade de capturar e manter o foco cognitivo dos indivíduos. A intensificação desse fenômeno está associada ao regime de funcionamento permanente das plataformas digitais, caracterizado pela ausência de interrupção temporal e pela estimulação constante do engajamento (Crary, 2014). Nesse contexto, a arquitetura do scroll infinito e os sistemas de recomendação algorítmica operam como dispositivos de modulação comportamental, reorganizando padrões de consumo informacional e produzindo novas formas de cansaço psíquico e dispersão cognitiva (Han, 2015). A captura sistemática da atenção não constitui um efeito colateral do ambiente digital, mas um princípio estruturante do modelo de negócios das plataformas contemporâneas (Zuboff, 2019).

Ao mesmo tempo, a dinâmica da atenção deve ser compreendida como fenômeno ecológico e socialmente distribuído. A atenção não é apenas atributo individual, mas recurso moldado por ambientes culturais e dispositivos técnicos (Citton, 2014). Em sociedades marcadas por desigualdades estruturais, as condições de exposição e resposta aos estímulos digitais não são homogêneas. A inserção de adolescentes em contextos de maior exposição à desigualdade informacional implica trajetórias educacionais atravessadas por assimetrias de capital cultural, que influenciam a forma como interagem com conteúdos digitais e interpretam fluxos informacionais (Bourdieu, 1989). A desigualdade digital, portanto, não se restringe ao acesso material à internet, mas envolve diferenças qualitativas no repertório crítico e na capacidade de navegação informacional.

Dados recentes indicam que a maioria dos adolescentes brasileiros possui acesso frequente a dispositivos conectados, porém com variações significativas quanto à qualidade do uso e ao acompanhamento formativo desse processo (CGI.br, 2024). Relatórios internacionais apontam que a ampliação do acesso não eliminou disparidades relacionadas ao letramento digital, à curadoria informacional e à compreensão crítica das dinâmicas algorítmicas (UNESCO, 2023). Essa realidade reforça a necessidade de analisar a economia da atenção como estrutura que pode intensificar desigualdades educacionais preexistentes.

Apesar da expansão dos estudos sobre cultura digital e aprendizagem em ambientes mediados por plataformas, observa-se lacuna teórica na articulação entre economia da atenção, capital cultural e vulnerabilidade social. Parte significativa da literatura concentra-se na incorporação pedagógica das tecnologias ou na descrição das práticas juvenis em redes sociais. Entretanto, permanece insuficientemente explorada a dimensão estrutural da captura algorítmica da atenção e seus efeitos diferenciados sobre adolescentes inseridos em contextos de desigualdade. Tal lacuna limita a compreensão das implicações educacionais da lógica do scroll infinito no âmbito da escola pública.

Diante desse cenário, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: de que modo a economia da atenção, estruturada por arquiteturas algorítmicas de retenção, interage com desigualdades de capital cultural, impactando processos de aprendizagem de adolescentes em contextos de vulnerabilidade social? Parte-se da proposição de que a captura sistemática da atenção intensifica assimetrias educacionais ao operar sobre disposições culturalmente desiguais.

Considerando esse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar criticamente como a economia da atenção, operacionalizada pelas arquiteturas algorítmicas das plataformas digitais, impacta os processos de aprendizagem de adolescentes em contextos socialmente vulneráveis, à luz da teoria do capital cultural, considerando seus efeitos no reconhecimento e na valorização escolar. Busca-se demonstrar que a captura sistemática da atenção pode intensificar desigualdades educacionais ao interagir com disposições prévias de capital cultural, produzindo assimetrias na apropriação do conhecimento. Ao mesmo tempo, propõe-se a media literacy

como estratégia pedagógica de equidade, compreendida como forma de ampliação do capital cultural digital e fortalecimento da autonomia crítica.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa bibliográfica qualitativa de natureza analítico-interpretativa, articulando contribuições da sociologia da educação, da teoria crítica da mídia e dos estudos sobre plataformas digitais. A análise foi conduzida por leitura conceitual comparativa e sistematização temática das categorias economia da atenção, capital cultural, desigualdade digital e media literacy.

A contribuição teórica do trabalho reside na integração entre economia política da atenção, teoria do capital cultural e políticas de equidade digital. Ao propor a media literacy como capital cultural estratégico no enfrentamento das assimetrias algorítmicas, o artigo amplia o debate sobre inclusão educacional na era das plataformas e reforça a necessidade de políticas orientadas à acessibilidade digital crítica e à justiça informacional.

2 Fundamentação teórica

A compreensão dos impactos da economia da atenção sobre a aprendizagem de adolescentes exige uma abordagem interdisciplinar que articule teoria crítica da mídia, sociologia da educação e estudos sobre plataformas digitais. A expansão das tecnologias conectadas não pode ser analisada apenas sob a perspectiva instrumental ou pedagógica, pois envolve transformações estruturais nas formas de produção de visibilidade, circulação de informação e organização do tempo social. As plataformas digitais operam como infraestruturas sociotécnicas que moldam práticas comunicacionais e disposições cognitivas, reconfigurando o ambiente no qual se desenvolvem processos educativos (van Dijck et al., 2018). Ao mesmo tempo, tais dinâmicas interagem com desigualdades históricas de capital cultural, condicionando diferentes formas de apropriação da informação (Bourdieu, 1989). Diante desse cenário, esta seção estrutura-se em quatro núcleos analíticos que permitem examinar, de maneira articulada, a lógica da captura algorítmica da atenção, a cultura das plataformas, as assimetrias digitais e o papel estratégico da media literacy na promoção da equidade educacional.

2.1 Economia da atenção e arquitetura algorítmica do scroll

A emergência da economia da atenção está diretamente vinculada à reorganização das dinâmicas comunicacionais no capitalismo informacional. Em um cenário de abundância de dados e hiperprodução de conteúdos, o recurso escasso deixa de ser a informação e passa a ser a capacidade humana de focalização. A atenção converte-se, assim, em ativo econômico central. Essa transformação não ocorre de maneira espontânea, mas está ancorada em arquiteturas técnicas e modelos de negócios que estruturam o funcionamento das plataformas digitais contemporâneas.

Jonathan Crary analisa o regime de funcionamento ininterrupto que caracteriza a modernidade tardia, descrevendo um ambiente 24/7 no qual os ciclos naturais de pausa e recuperação são progressivamente suprimidos (Crary, 2014). Nesse regime, a conectividade permanente não representa apenas um avanço tecnológico, mas um rearranjo das temporalidades sociais, que reduz os espaços de suspensão reflexiva. A escola, tradicionalmente associada a ritmos estruturados de aprendizagem, passa a coexistir com fluxos contínuos de estímulos digitais que competem pela atenção dos estudantes.

Byung-Chul Han amplia essa discussão ao examinar a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, marcada por autoexploração e sobrecarga cognitiva (Han, 2015). Nesse contexto, a multiplicação de estímulos fragmenta o foco atencional e produz formas de exaustão associadas à hiperatividade informacional. A dispersão não é mero efeito colateral da tecnologia, mas resultado de uma cultura que valoriza produtividade constante e conectividade contínua. Para adolescentes em fase de formação cognitiva e identitária, tal ambiente implica desafios adicionais para a consolidação de processos de aprendizagem profunda.

A atenção, entretanto, não deve ser compreendida apenas como atributo psicológico individual. Yves Citton propõe a noção de ecologia da atenção para enfatizar que os ambientes sociotécnicos moldam coletivamente as formas de focalização (Citton, 2014). A atenção é distribuída, disputada e organizada por dispositivos técnicos que orientam o que se torna visível ou invisível. Assim, a arquitetura das plataformas digitais atua como infraestrutura reguladora dos fluxos perceptivos, configurando um ecossistema no qual determinados conteúdos são privilegiados em detrimento de outros.

A análise do modelo econômico das plataformas reforça essa compreensão estrutural. Shoshana Zuboff demonstra que o capitalismo de vigilância opera por meio da extração e predição de comportamentos, utilizando dados de navegação para antecipar e modular ações futuras (Zuboff, 2019). A retenção da atenção constitui etapa fundamental desse processo, pois quanto maior o tempo de permanência na plataforma, maior o volume de dados coletados e maior a capacidade de previsão comportamental. O design das interfaces, portanto, é orientado por métricas de engajamento que incentivam continuidade e repetição.

A arquitetura do scroll infinito exemplifica essa lógica. Ao eliminar barreiras visuais de término e substituir a navegação por atualização contínua, as plataformas reduzem pontos de decisão consciente e prolongam o tempo de exposição. A interface passa a operar como mecanismo de retenção, articulando notificações, recomendações personalizadas e sequências automatizadas de conteúdo. José van Dijck, Thomas Poell e Martijn de Waal descrevem as plataformas como infraestruturas programáveis que organizam interações sociais por meio de algoritmos opacos, orientados por interesses comerciais (van Dijck et al., 2018). Essa programabilidade redefine os critérios de visibilidade e hierarquização da informação.

Lev Manovich contribui ao destacar que as novas mídias são estruturadas por princípios como modularidade, variabilidade e automação (Manovich, 2001). A variabilidade permite que conteúdos sejam continuamente reorganizados de acordo com perfis individuais de uso, reforçando ciclos personalizados de consumo informacional. Tal personalização intensifica bolhas cognitivas e limita a exposição a perspectivas divergentes, afetando a amplitude do repertório simbólico dos usuários.

A lógica de retenção algorítmica, portanto, não pode ser reduzida a um simples recurso técnico de navegação. Trata-se de um dispositivo estruturado para maximizar permanência, extração de dados e engajamento repetitivo. A modulação comportamental ocorre por meio da combinação entre design persuasivo, predição algorítmica e recompensas intermitentes, elementos que reforçam padrões de uso automáticos e dificultam a interrupção voluntária da navegação. Em adolescentes, cujo desenvolvimento neurocognitivo ainda está em consolidação, tais mecanismos podem influenciar a construção de hábitos atencionais fragmentados.

O scroll infinito pode ser compreendido como forma específica de organização perceptiva baseada na supressão do término e na eliminação de marcos temporais de encerramento. Ao substituir a lógica de páginas delimitadas por um fluxo contínuo e potencialmente ilimitado de conteúdos, a interface produz uma experiência temporal sem fronteiras claras, reduzindo pontos de decisão consciente e enfraquecendo mecanismos de autorregulação. Essa configuração altera a relação do sujeito com o tempo, com a pausa e com a interrupção voluntária, favorecendo permanência prolongada e consumo sequencial automatizado. Nesse sentido, o scroll não constitui apenas recurso técnico de navegação, mas dispositivo estruturante da economia da atenção.

Ao deslocar a análise da esfera do uso individual para a arquitetura estrutural das plataformas, torna-se possível compreender que o scroll não é neutro. Ele integra um sistema de organização da atenção que responde a imperativos econômicos específicos e que atua sobre disposições cognitivas e simbólicas dos sujeitos. Essa constatação é fundamental para o campo educacional, pois revela que os desafios da aprendizagem em ambientes digitais não decorrem apenas de

comportamentos juvenis, mas de uma infraestrutura técnica orientada à captura contínua da atenção.

Estabelecer essa base teórica permite avançar para a discussão das implicações sociais e educacionais da economia da atenção, especialmente quando articulada às desigualdades de capital cultural. A análise seguinte examinará como a lógica das plataformas se insere na sociedade em rede e reconfigura práticas comunicacionais e educativas.

2.2 Plataformas digitais, cultura participativa e sociedade em rede

A economia da atenção não opera isoladamente. Ela se insere em um ecossistema comunicacional mais amplo, marcado pela consolidação das plataformas digitais como infraestruturas centrais da vida social. A aprendizagem contemporânea ocorre dentro de ambientes mediados por sistemas programáveis que organizam fluxos informacionais, interações e formas de visibilidade. Não se trata apenas de ferramentas tecnológicas, mas de arquiteturas sociotécnicas que configuram modos de participação, circulação simbólica e construção de sentido (van Dijck et al., 2018).

A reorganização comunicacional das últimas décadas pode ser compreendida a partir da noção de sociedade em rede, caracterizada pela centralidade das conexões digitais na estruturação das relações econômicas, culturais e educacionais (Castells, 2010). Nesse modelo, o poder circula por meio de fluxos informacionais e da capacidade de conectar-se a redes estratégicas. A escola deixa de ser o único espaço legítimo de produção e distribuição de conhecimento, passando a coexistir com múltiplos pólos de informação distribuídos digitalmente.

Nesse contexto, a cultura da convergência descreve a integração entre mídias, públicos e práticas participativas, evidenciando que consumidores se tornam também produtores de conteúdo (Jenkins, 2009). A circulação de narrativas através de diferentes plataformas redefine a experiência juvenil, que passa a envolver remixagem, compartilhamento e colaboração constante. A aprendizagem, portanto, não ocorre apenas pela recepção passiva de conteúdos, mas pela inserção ativa em redes de produção simbólica.

Essa dinâmica dialoga com a ideia de inteligência coletiva, segundo a qual o conhecimento se constrói por meio da colaboração distribuída em ambientes conectados (Lévy, 2001). O espaço digital amplia possibilidades de cooperação e troca, permitindo que sujeitos participem de processos coletivos de construção de saber. Entretanto, tal potencial não se realiza de forma homogênea, pois depende do repertório cultural e das competências informacionais de cada indivíduo.

As plataformas digitais estruturam essa participação por meio de princípios técnicos específicos. A modularidade e a variabilidade das novas mídias permitem que conteúdos sejam reorganizados e personalizados continuamente, produzindo experiências distintas para diferentes usuários (Manovich, 2001). A personalização algorítmica reorganiza a visibilidade dos conteúdos com base em padrões de interação, intensificando ciclos de recomendação e filtragem informacional. Esse processo influencia não apenas o que é consumido, mas também o que se torna cognitivamente disponível.

A mediação das plataformas reconfigura, portanto, o ambiente no qual adolescentes constroem conhecimento. A aprendizagem passa a ocorrer em um espaço híbrido, no qual informações escolares convivem com fluxos audiovisuais, narrativas curtas, tendências virais e dinâmicas de engajamento. A ecologia comunicacional torna-se fragmentada, multimodal e permanentemente atualizada (Martino, 2014). Tal cenário exige a compreensão de que o estudante não aprende apenas dentro da sala de aula, mas em interação contínua com ambientes digitais que estruturam sua atenção e suas referências simbólicas.

A cultura participativa amplia possibilidades expressivas e colaborativas, mas também é condicionada por algoritmos que priorizam determinados conteúdos e invisibilizam outros. Assim, o ecossistema digital combina abertura aparente com hierarquias técnicas de

visibilidade. A experiência juvenil de aprendizagem passa a depender da posição ocupada dentro dessas redes, das conexões estabelecidas e do capital cultural disponível para interpretar e filtrar informações.

Dessa forma, adolescentes aprendem dentro de um ambiente mediado por plataformas que organizam tanto a circulação do conhecimento quanto os critérios de relevância informacional. A economia da atenção, discutida na seção anterior, encontra nesse ecossistema sua base operacional concreta. Compreender essa estrutura é fundamental para avançar na análise das desigualdades simbólicas que emergem quando tais dinâmicas se articulam a contextos de vulnerabilidade social.

2.3 Vulnerabilidade social, capital cultural e desigualdade digital

A análise da economia da atenção ganha densidade quando articulada às estruturas de desigualdade social que atravessam o campo educacional. A ampliação do acesso à internet entre adolescentes não elimina assimetrias históricas relacionadas à formação cultural, à mediação pedagógica e às condições materiais de uso. A vulnerabilidade digital deve ser compreendida como fenômeno qualitativo, vinculado à capacidade de interpretar, selecionar e transformar informações em conhecimento significativo.

Neste estudo, a noção de vulnerabilidade social refere-se a contextos marcados por restrições socioeconômicas, menor acesso a bens culturais legitimados, fragilidade de mediações pedagógicas qualificadas e dependência predominante de dispositivos móveis como principal meio de acesso à internet. Não se trata de atribuição individual de incapacidade, mas do reconhecimento de condicionantes estruturais que afetam a formação de capital cultural e a qualidade da apropriação informacional no ambiente digital.

O conceito de capital cultural oferece chave interpretativa central para compreender tais diferenças. Recursos simbólicos acumulados ao longo da trajetória social influenciam disposições cognitivas, expectativas escolares e modos de apropriação do conhecimento (Bourdieu, 1989). No ambiente digital, essas disposições estruturam a forma como adolescentes lidam com fluxos informacionais intensivos, algoritmos de recomendação e dinâmicas de visibilidade. A economia da atenção não incide sobre sujeitos abstratos, mas sobre indivíduos posicionados de maneira desigual no espaço social.

A sociedade em rede reorganiza processos produtivos e comunicacionais a partir da centralidade da informação (Castells, 2010). Contudo, a inserção em redes não implica participação simétrica. A capacidade de converter informação em capital cultural depende de competências previamente adquiridas e de contextos de mediação qualificada. Em ambientes socialmente vulneráveis, a ausência de acompanhamento formativo consistente pode limitar a construção de repertórios críticos e estratégias de autorregulação atencional.

Pesquisas nacionais indicam que adolescentes de classes socioeconômicas mais baixas acessam a internet predominantemente por dispositivos móveis e utilizam com maior frequência redes sociais e aplicativos de entretenimento (CGI.br, 2024). Embora o acesso seja amplo, a qualidade da navegação e a diversidade de usos apresentam variações significativas. Relatórios internacionais reforçam que a desigualdade digital contemporânea se deslocou do acesso para as competências de uso crítico e estratégico (UNESCO, 2023). Essa transição caracteriza a chamada divisão digital de segunda ordem, centrada na diferença qualitativa de apropriação tecnológica.

A desigualdade qualitativa de uso manifesta-se na capacidade de filtrar informações, avaliar credibilidade, administrar tempo de exposição e produzir conteúdo próprios. Tais competências estão diretamente relacionadas ao volume de capital cultural disponível. Em contextos de menor capital cultural, a experiência digital tende a ser mais orientada por estímulos imediatos e ciclos de engajamento rápido, reforçando padrões de atenção fragmentada. Essa condição revela que a acessibilidade digital não se restringe à disponibilidade de conexão ou dispositivos, mas

envolve a capacidade efetiva de acessar criticamente informações, compreender estruturas algorítmicas e converter dados em conhecimento significativo. Tal cenário evidencia que a equidade educacional na era das plataformas depende não apenas de acesso tecnológico, mas de condições estruturais que garantam acessibilidade digital crítica e formação cultural ampliada.

Pode-se compreender esse processo como formação de um *habitus* digital, entendido como conjunto de disposições incorporadas que orientam práticas online. Esse *habitus* é socialmente estruturado e reproduz desigualdades pré-existentes. Quando adolescentes não dispõem de mediações educativas capazes de ampliar seu repertório crítico, tornam-se mais suscetíveis à lógica de retenção algorítmica discutida na seção anterior.

A vulnerabilidade digital, portanto, não é apenas limitação técnica. Trata-se de desigualdade simbólica que afeta a relação com o conhecimento, com a informação e com a própria construção identitária. A economia da atenção atua como amplificador dessas assimetrias, pois premia permanência, repetição e engajamento automático, enquanto exige competências avançadas para navegação reflexiva.

Demonstrar essa articulação é fundamental para sustentar a tese central do artigo: adolescentes em contextos de vulnerabilidade social possuem, em média, menor capital cultural para lidar criticamente com a arquitetura algorítmica das plataformas. Isso não implica incapacidade individual, mas revela condicionantes estruturais que demandam intervenção pedagógica orientada à equidade.

2.4 Media literacy como capital cultural estratégico

Se a economia da atenção opera como estrutura de captura e a desigualdade digital manifesta-se como assimetria simbólica, torna-se necessário identificar mecanismos pedagógicos capazes de ampliar o capital cultural dos estudantes em ambientes educacionais de maior vulnerabilidade socioeconômica. Nesse cenário, a *media literacy* pode ser compreendida não apenas como competência técnica, mas como estratégia de compensação estrutural orientada à equidade educacional.

A noção de competência midiática envolve um conjunto articulado de habilidades cognitivas, estéticas, éticas e críticas relacionadas à interpretação, avaliação e produção de conteúdos em diferentes linguagens (Ferrés & Piscitelli, 2012). Essa abordagem amplia a compreensão tradicional de letramento digital, deslocando o foco do domínio instrumental de ferramentas para a capacidade de analisar discursos, identificar intencionalidades e compreender dinâmicas de poder nas plataformas. Ao incorporar múltiplas dimensões da experiência midiática, a competência midiática atua diretamente sobre as disposições que estruturam o *habitus* digital.

A cultura participativa contemporânea intensifica a necessidade dessas competências. A circulação constante de narrativas e a convergência entre mídias ampliam oportunidades de expressão, mas também exigem habilidades de navegação crítica e colaboração consciente (Jenkins, 2009). Participar de redes não significa automaticamente compreender suas lógicas internas. A *media literacy* torna-se condição para que adolescentes transformem participação em aprendizagem significativa, evitando a mera reprodução de padrões algorítmicos de engajamento.

Relatórios internacionais enfatizam que a alfabetização midiática e informacional constitui componente central das políticas educacionais voltadas à cidadania digital (UNESCO, 2023). A formação crítica para lidar com desinformação, manipulação algorítmica e dinâmicas de vigilância é apresentada como requisito para inclusão plena na sociedade conectada. Ao reconhecer que desigualdades digitais persistem mesmo em contextos de acesso ampliado, essas diretrizes reforçam a necessidade de intervenção pedagógica estruturada.

O letramento informacional complementa essa perspectiva ao enfatizar a capacidade de localizar, avaliar e utilizar informações de maneira ética e responsável (Hobbs, 2010). Em

ambientes caracterizados por personalização algorítmica e abundância de conteúdos, a habilidade de distinguir relevância, verificar fontes e contextualizar dados torna-se fundamental para a aprendizagem acadêmica. Essa dimensão crítica contribui para a construção de autonomia cognitiva, elemento essencial para resistir à fragmentação atencional.

Compreendida como capital cultural estratégico, a media literacy amplia repertórios simbólicos e fortalece disposições reflexivas diante da economia da atenção. Ao desenvolver competências críticas, produtivas e éticas, a escola pode intervir na formação do habitus digital, promovendo práticas mais conscientes de gestão da atenção e de interação com plataformas. Tal intervenção não elimina as estruturas algorítmicas, mas reduz sua capacidade de modulação automática ao introduzir mediações pedagógicas qualificadas. Nesse sentido, a media literacy pode ser compreendida como política pedagógica de equidade no campo da acessibilidade digital.

A dimensão produtiva da competência midiática também assume papel relevante nesse processo. Quando adolescentes são estimulados a produzir conteúdo, analisar narrativas e compreender critérios de visibilidade, passam a ocupar posição ativa no ecossistema digital. A autoria fortalece a percepção de agência e amplia o capital cultural, deslocando a relação com as plataformas de consumo passivo para participação crítica. Essa mudança contribui para reequilibrar assimetrias relacionadas à vulnerabilidade social.

A dimensão ética, por sua vez, introduz reflexão sobre responsabilidade, respeito e impacto das ações online. Em um ambiente orientado por métricas de popularidade, discutir implicações morais da circulação de conteúdos amplia a consciência sobre dinâmicas de poder e reconhecimento. A formação ética integra-se à construção de cidadania digital, elemento central para políticas educacionais voltadas à equidade.

Propor a media literacy como ferramenta de equidade educacional significa reconhecer que a desigualdade digital não será superada apenas com expansão de infraestrutura tecnológica. É necessário investir na ampliação do capital cultural digital, promovendo competências que permitam aos estudantes interpretar criticamente a arquitetura algorítmica e administrar sua atenção de maneira mais autônoma. Nesse sentido, a media literacy atua como mecanismo de compensação estrutural, reduzindo assimetrias simbólicas e fortalecendo condições para aprendizagem mais profunda.

Ao articular economia da atenção, capital cultural e media literacy, consolida-se o argumento central da fundamentação teórica: a escola pública, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, possui papel estratégico na formação de competências capazes de enfrentar a modulação algorítmica da atenção. Essa articulação prepara o terreno para a seção metodológica, na qual serão detalhados os procedimentos analíticos que sustentam a interpretação desenvolvida ao longo do estudo.

3 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, orientada por abordagem analítico-interpretativa, com o objetivo de articular categorias teóricas provenientes da sociologia da educação, da teoria crítica da mídia e dos estudos sobre plataformas digitais. A opção metodológica decorre da natureza do problema investigado, que envolve a análise estrutural da economia da atenção e sua articulação com desigualdades simbólicas no campo educacional. Não se trata de revisão sistemática com protocolo estatístico, mas de investigação teórica estruturada por critérios explícitos de seleção, organização e análise conceitual do corpus.

O levantamento do material bibliográfico foi realizado a partir da identificação de obras clássicas e contemporâneas amplamente reconhecidas nas áreas de economia da atenção, arquitetura algorítmica das plataformas, capital cultural, desigualdade digital e media literacy, bem como relatórios institucionais recentes sobre acesso e uso da internet por adolescentes. Foram considerados livros acadêmicos, artigos científicos e documentos técnicos de

organismos nacionais e internacionais. A busca foi orientada por descritores temáticos como “economia da atenção”, “attention economy”, “scroll infinito”, “recomendação algorítmica”, “capital cultural”, “desigualdade digital”, “media literacy” e “alfabetização midiática e informacional”, combinados de forma a recuperar produções diretamente relacionadas às categorias centrais do estudo.

A delimitação do corpus seguiu critérios de pertinência conceitual e coerência temática. Foram incluídas produções que abordam de forma estruturada: (a) a transformação da atenção em recurso econômico nas plataformas digitais; (b) a lógica de funcionamento algorítmico e os dispositivos de retenção e personalização; (c) a teoria do capital cultural e suas implicações para desigualdade educacional; (d) a concepção de media literacy como competência crítica e política educacional. Foram excluídas fontes de caráter opinativo, textos sem fundamentação acadêmica ou trabalhos que tratam tecnologias digitais apenas sob perspectiva instrumental, sem diálogo com economia da atenção ou desigualdade simbólica.

A técnica analítica adotada foi a análise temática de natureza categorial, com procedimento de leitura crítica e comparativa das obras selecionadas. Inicialmente realizou-se leitura exploratória para identificação de conceitos-chave, argumentos recorrentes e núcleos explicativos centrais. Em seguida, procedeu-se à codificação conceitual do material a partir de quatro eixos analíticos previamente definidos: economia da atenção; arquitetura algorítmica e scroll infinito; capital cultural e desigualdade digital; media literacy como estratégia de equidade. Cada obra foi examinada quanto às definições apresentadas, aos mecanismos descritos e às relações causais propostas entre plataformas, atenção e aprendizagem.

Os materiais bibliográficos foram organizados em matriz temática, permitindo sistematizar convergências, complementaridades e tensões entre os referenciais mobilizados. Essa organização possibilitou integrar contribuições da economia política da atenção com a teoria da reprodução cultural, articulando dimensões técnicas, simbólicas e educacionais. A etapa final consistiu na síntese interpretativa das categorias, na qual os conceitos analisados foram articulados de modo a sustentar inferências estruturais acerca dos impactos da captura algorítmica da atenção sobre processos de aprendizagem em contextos de vulnerabilidade social.

A seção seguinte apresenta inferências interpretativas derivadas da sistematização conceitual do corpus teórico-documental, não dados empíricos de campo. A consistência analítica foi assegurada pela coerência entre problema de pesquisa, categorias mobilizadas e argumentos desenvolvidos, mantendo-se alinhamento explícito entre referencial teórico, procedimento de análise e conclusões formuladas. Essa estratégia metodológica busca garantir transparência, clareza procedimental e reprodutibilidade teórica, atendendo às exigências de rigor científico compatíveis com estudos bibliográficos de natureza crítica e conceitual.

A matriz temática funcionou como registro de organização das categorias e como trilha de sistematização do percurso interpretativo, permitindo explicitar como cada inferência foi derivada do corpus teórico-documental.

4 Resultados e discussão

A articulação entre economia da atenção, capital cultural e desigualdade digital permite identificar implicações estruturais para os processos de aprendizagem. A análise conceitual desenvolvida nas seções anteriores revela que a arquitetura algorítmica das plataformas não apenas reorganiza fluxos informacionais, mas também influencia disposições cognitivas e padrões de engajamento. Esta seção apresenta os principais achados interpretativos do estudo, discutindo como a captura sistemática da atenção impacta processos formativos e interage com desigualdades simbólicas preexistentes.

Os achados desta seção correspondem a uma síntese interpretativa do corpus teórico-documental analisado, não a resultados empíricos de pesquisa de campo. As inferências

apresentadas derivam da articulação conceitual entre economia da atenção, capital cultural e desigualdade digital.

4.1 A captura da atenção e seus impactos cognitivos

A consolidação de um regime comunicacional contínuo e ininterrupto altera significativamente as condições de concentração necessárias à aprendizagem profunda. A organização temporal característica do ambiente 24/7 intensifica a exposição a estímulos sucessivos e reduz oportunidades de pausa reflexiva (Crary, 2014). A aprendizagem escolar, que tradicionalmente pressupõe continuidade, elaboração conceitual e encadeamento lógico, passa a disputar espaço com fluxos audiovisuais fragmentados e atualizações constantes.

A dinâmica da sociedade do desempenho contribui para esse cenário ao promover hiperatividade informacional e sobrecarga cognitiva (Han, 2015). A multiplicidade de estímulos simultâneos favorece a alternância rápida de foco, dificultando a manutenção de atenção prolongada em tarefas que exigem abstração e análise crítica. Esse padrão de fragmentação atencional não é apenas comportamental, mas estruturado por interfaces que estimulam recompensas imediatas e respostas rápidas.

Do ponto de vista cognitivo, processos de aprendizagem complexos dependem de memória de trabalho estável, consolidação de informações e integração progressiva de conceitos. A exposição frequente a interrupções digitais pode interferir nesses mecanismos, reduzindo a profundidade da codificação e dificultando a transferência de conhecimento para estruturas de longo prazo. A literatura sobre atenção e desenvolvimento cognitivo sugere que ambientes de alta estimulação tendem a reduzir a capacidade de foco sustentado, especialmente em adolescentes cuja maturação executiva ainda está em curso.

Relatórios internacionais apontam que a crescente imersão digital tem sido associada a desafios relacionados à concentração e à gestão do tempo de estudo, particularmente entre jovens (UNESCO, 2023). Embora o uso de tecnologias possa ampliar acesso à informação, a ausência de estratégias de autorregulação pode comprometer a qualidade da aprendizagem. O impacto não decorre apenas do tempo de exposição, mas da forma como os conteúdos são organizados e apresentados.

A arquitetura do scroll infinito contribui para esse padrão ao eliminar pontos naturais de interrupção e reforçar ciclos contínuos de consumo. A ausência de limites visuais claros reduz a percepção de encerramento e favorece prolongamento involuntário da navegação. Em adolescentes com menor capital cultural digital, a capacidade de interromper voluntariamente esse ciclo tende a ser mais limitada, intensificando a fragmentação atencional.

A análise integrada dos referenciais teóricos permite concluir que a captura sistemática da atenção impacta processos de aprendizagem ao favorecer superficialidade cognitiva e dispersão prolongada. A fragmentação atencional emerge como efeito estrutural da economia das plataformas, não como falha individual dos estudantes. Essa constatação é particularmente relevante em contextos de vulnerabilidade social, nos quais a ausência de mediações qualificadas pode ampliar os efeitos da dispersão.

Essa conclusão parcial reforça a necessidade de examinar como tais dinâmicas se articulam às desigualdades simbólicas discutidas anteriormente, aprofundando a análise da relação entre arquitetura algorítmica e capital cultural.

4.2 Scroll infinito e intensificação da desigualdade simbólica

A captura da atenção não ocorre em um vazio social. Ela se articula a estruturas de poder e reconhecimento que atravessam o campo educacional e o espaço digital. A lógica do scroll infinito, orientada pela maximização de permanência e engajamento, integra um modelo econômico baseado na coleta e na predição comportamental (Zuboff, 2019). Quanto maior o tempo de exposição do usuário, maior o volume de dados extraídos e mais precisa a modelagem

de padrões de consumo e interação. Esse mecanismo produz assimetrias estruturais na forma como conteúdos são distribuídos e priorizados.

A personalização algorítmica reorganiza a visibilidade de informações com base em históricos de navegação, preferências implícitas e padrões de engajamento anteriores. Esse processo tende a reforçar trajetórias já estabelecidas, criando ciclos de retroalimentação informacional. Em termos sociológicos, tal dinâmica interage com disposições incorporadas que orientam práticas culturais e expectativas educacionais (Bourdieu, 1989). O capital cultural influencia não apenas a interpretação de conteúdos, mas também as escolhas realizadas no ambiente digital, afetando o tipo de informação que será subsequentemente recomendado.

Em contextos de vulnerabilidade social, a limitação de capital cultural pode restringir a diversidade de referências simbólicas disponíveis para o adolescente. A navegação tende a concentrar-se em conteúdos de maior apelo imediato, frequentemente organizados por métricas de popularidade e viralização. A lógica de retenção algorítmica favorece esse padrão, priorizando estímulos que geram respostas rápidas e repetição de interação. O resultado é a consolidação de circuitos informacionais menos diversificados e menos alinhados a práticas de aprofundamento conceitual.

Dados nacionais indicam que adolescentes de classes socioeconômicas mais baixas utilizam predominantemente dispositivos móveis e plataformas de redes sociais como principal meio de acesso à internet (CGI.br, 2024). Essa configuração de uso está associada a experiências centradas em aplicativos que operam com atualização contínua de conteúdo e forte personalização algorítmica. A dependência de um número reduzido de plataformas amplia a exposição a filtros automatizados que definem prioridades informacionais.

A desigualdade simbólica manifesta-se, nesse contexto, na capacidade diferenciada de escapar ou tensionar os ciclos algorítmicos. Usuários com maior capital cultural tendem a diversificar fontes, buscar conteúdos especializados e utilizar ferramentas de curadoria. Já adolescentes em contextos de vulnerabilidade social podem ter menor acesso a mediações que ampliem repertórios críticos, tornando-se mais suscetíveis à lógica de retenção e à homogeneização de referências.

A intensificação da desigualdade não decorre de intenção explícita de exclusão, mas do funcionamento estrutural do modelo de negócios das plataformas. A extração de dados comportamentais opera sobre padrões já existentes, amplificando preferências e consolidando trajetórias informacionais. A economia da atenção, nesse sentido, funciona como mecanismo de reprodução simbólica, reforçando distinções baseadas em capital cultural. Essa dinâmica aproxima-se da lógica de reprodução cultural descrita por Bourdieu, na medida em que reforça disposições já estruturadas e consolida trajetórias informacionais desiguais.

Essa articulação entre arquitetura algorítmica e capital cultural evidencia que a vulnerabilidade digital não se limita à ausência de acesso. Ela envolve exposição diferenciada a assimetrias informacionais e menor capacidade de intervenção consciente sobre o próprio ambiente mediático. A análise conduz à conclusão parcial de que adolescentes em contextos socialmente vulneráveis estão mais expostos às dinâmicas de modulação algorítmica e, consequentemente, a circuitos informacionais que podem restringir oportunidades de aprendizagem aprofundada. Esse resultado reforça a centralidade da media literacy como estratégia de intervenção educacional, tema que será retomado na seção seguinte ao consolidar a dimensão propositiva do estudo.

4.3 Media literacy como estratégia de equidade educacional

Os achados anteriores indicam que a economia da atenção e a arquitetura algorítmica das plataformas operam como estruturas que podem intensificar desigualdades simbólicas. Diante desse cenário, a media literacy emerge não como complemento periférico do currículo, mas como eixo estratégico para a promoção da equidade educacional. Se a vulnerabilidade digital

se manifesta como limitação de capital cultural no ambiente das plataformas, ampliar competências midiáticas significa intervir diretamente na base dessa assimetria.

A competência midiática envolve dimensões que ultrapassam o domínio técnico de ferramentas digitais. Inclui capacidade crítica de análise de discursos, compreensão das dinâmicas de produção e circulação de conteúdos, avaliação de credibilidade e reflexão ética sobre práticas comunicacionais (Ferrés & Piscitelli, 2012). Ao desenvolver essas dimensões, a escola contribui para a formação de sujeitos capazes de interpretar a lógica algorítmica que organiza a visibilidade nas plataformas, reduzindo a exposição passiva a fluxos informacionais fragmentados.

A cultura participativa amplia a relevância dessa formação. A convergência de mídias e a possibilidade de produção colaborativa transformaram usuários em agentes ativos na circulação simbólica (Jenkins, 2009). Entretanto, a participação não garante autonomia crítica. Sem repertório analítico adequado, a produção de conteúdo pode reproduzir padrões de engajamento orientados por métricas de popularidade. A media literacy oferece instrumentos para que a participação se converta em aprendizagem reflexiva e construção de sentido.

As diretrizes internacionais enfatizam que a alfabetização midiática e informacional constitui componente essencial para cidadania digital e inclusão social (UNESCO, 2023). A formação crítica para compreender manipulação algorítmica, desinformação e estratégias de retenção contribui para reduzir desigualdades qualitativas de uso. Em contextos de escola pública socialmente vulnerável, tal formação assume papel ainda mais decisivo, pois atua como ampliação deliberada de capital cultural digital.

A dimensão produtiva da competência midiática também desempenha função relevante na compensação simbólica. Ao incentivar a criação de narrativas próprias, análise de algoritmos e reflexão sobre critérios de visibilidade, a escola fortalece a percepção de agência dos estudantes. A autoria amplia o capital cultural e fortalece o reconhecimento simbólico ao permitir que adolescentes se posicionem como produtores de conhecimento e não apenas consumidores de conteúdos filtrados.

A dimensão ética complementa esse processo ao introduzir debate sobre responsabilidade na circulação de informações e respeito às diferenças. Em um ambiente orientado por métricas quantitativas de reconhecimento, discutir implicações sociais da visibilidade contribui para ampliar consciência crítica e fortalecer vínculos comunitários. A formação ética integra-se à construção de cidadania digital e ao desenvolvimento de autonomia intelectual.

A análise conduz à conclusão parcial de que a media literacy pode funcionar como capital cultural compensatório. Ao ampliar repertórios críticos, desenvolver competências de curadoria e fortalecer práticas autorais, a escola pública pode intervir na relação entre adolescentes e a economia da atenção. Essa intervenção não altera a arquitetura algorítmica das plataformas, mas fortalece a capacidade de negociação consciente com seus mecanismos.

Com isso, consolida-se o argumento central da seção de resultados e discussão: a equidade educacional na era das plataformas depende não apenas de acesso tecnológico, mas da formação crítica que permita transformar exposição digital em aprendizagem significativa. Essa constatação prepara o encaminhamento para a conclusão do artigo, na qual serão sintetizadas as contribuições teóricas e implicações educacionais do estudo.

5 Conclusão

O presente artigo partiu do problema central de compreender como a economia da atenção, operacionalizada pelas arquiteturas algorítmicas das plataformas digitais, impacta os processos de aprendizagem de adolescentes em contextos de vulnerabilidade social. Ao deslocar o foco da análise do comportamento individual para a estrutura técnica e econômica que organiza o ambiente digital, buscou-se demonstrar que a captura sistemática da atenção não é fenômeno neutro, mas elemento constitutivo do modelo contemporâneo de circulação informacional.

A articulação entre economia da atenção e teoria do capital cultural permitiu evidenciar que a desigualdade digital ultrapassa a dimensão do acesso material à internet. A vulnerabilidade manifesta-se como desigualdade cultural, relacionada à capacidade diferenciada de interpretar, filtrar e transformar informações em conhecimento significativo. A arquitetura do scroll infinito e a lógica de retenção algorítmica interagem com disposições socialmente estruturadas, ampliando assimetrias pré-existentes. Nesse sentido, adolescentes em contextos socialmente vulneráveis tendem a apresentar menor capital cultural para negociar criticamente os fluxos informacionais das plataformas.

Entre as principais contribuições teóricas do estudo está a integração de três eixos frequentemente analisados de forma isolada: economia política da atenção, capital cultural e media literacy. Ao articular esses referenciais, o trabalho amplia o debate sobre equidade digital ao situar a aprendizagem juvenil dentro de uma infraestrutura sociotécnica orientada por imperativos econômicos. Essa abordagem permite compreender a fragmentação atencional e a desigualdade qualitativa de uso como efeitos estruturais e não como falhas individuais ou meramente comportamentais. Trata-se, portanto, de deslocamento das condições materiais da aprendizagem, no qual o ambiente sociotécnico passa a interferir diretamente na arquitetura cognitiva dos processos formativos.

Do ponto de vista educacional, os resultados indicam que políticas voltadas à inclusão digital não podem restringir-se à expansão de infraestrutura tecnológica. A promoção de equidade exige investimento sistemático na formação de competências midiáticas críticas, produtivas e éticas. A media literacy, compreendida como capital cultural estratégico, apresenta-se como instrumento capaz de ampliar autonomia cognitiva e reduzir a vulnerabilidade frente à modulação algorítmica. Nesse contexto, a escola pública assume papel central na construção de repertórios simbólicos que permitam aos estudantes administrar sua atenção de forma mais consciente e reflexiva.

Como limitação, destaca-se o caráter exclusivamente bibliográfico da investigação. A ausência de pesquisa empírica impede a verificação direta das dinâmicas analisadas em contextos escolares específicos. Ainda que a abordagem analítico-interpretativa permita articulação conceitual robusta, estudos de campo poderiam aprofundar a compreensão das práticas concretas de adolescentes e professores diante da economia da atenção.

Como agenda futura, recomenda-se a realização de pesquisas empíricas que examinem estratégias pedagógicas de media literacy em escolas públicas socialmente vulneráveis, bem como investigações comparativas que avaliem impactos diferenciados da arquitetura algorítmica em distintos contextos socioeconômicos. A consolidação desse campo de estudos pode contribuir para o desenvolvimento de políticas educacionais mais sensíveis às dinâmicas estruturais das plataformas digitais. A promoção da equidade digital exige políticas educacionais que articulem inclusão tecnológica e formação crítica para acessibilidade informacional efetiva.

Conclui-se que a equidade educacional na era das plataformas depende da capacidade de reconhecer a atenção como recurso disputado e politicamente estruturado. Compreender essa dinâmica constitui passo essencial para a formulação de práticas pedagógicas que enfrentem desigualdades simbólicas e promovam aprendizagem mais profunda em contextos de vulnerabilidade social.

6 Referências

- Bourdieu, P. (1989). Social space and symbolic power. *Sociological Theory*, 7(1), 14–25. <https://doi.org/10.2307/202060>
- Castells, M. (2010). *The rise of the network society* (2nd ed., with a new preface). Wiley-Blackwell.

- Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2024). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil, ano 2023*. São Paulo: CGI.br.
- Crary, J. (2014). *24/7: Late capitalism and the ends of sleep*. Verso.
- Citton, Y. (2014). *Pour une écologie de l'attention*. Éditions du Seuil.
- Ferrés, J., & Piscitelli, A. (2012). La competencia mediática: Propuesta articulada de dimensiones e indicadores. *Comunicar*, 19(38), 75–82. <https://doi.org/10.3916/C38-2012-02-08>
- Han, B.-C. (2015). *The burnout society* (E. Butler, Trans.). Stanford University Press. (Original work published 2010)
- Hobbs, R. (2010). *Digital and media literacy: A plan of action*. The Aspen Institute.
- Jenkins, H. (2009). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York University Press.
- Lévy, P. (2001). *Cyberculture* (R. Bononno, Trans.). University of Minnesota Press.
- Manovich, L. (2001). *The language of new media*. MIT Press.
- Martino, L. M. S. (2014). *Teoria das mídias digitais: Linguagens, ambientes, redes*. Vozes.
- UNESCO. (2023). Global Education Monitoring Report 2023: Technology in education – A tool on whose terms? Paris: UNESCO.
- Van Dijck, J., Poell, T., & de Waal, M. (2018). *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford University Press.
- Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. PublicAffairs.